



CARTOGRAFIA AFETIVA DO MERCADO DE SÃO BRÁS

JORGE EIRÓ

# CARTOGRAFIA AFETIVA DO MERCADO DE SÃO BRÁS

*Muitos anos depois, à frente de sua Companhia, o Cavaleiro Jorge haveria de recordar daquela manhã remota em que seu pai o levou ao Mercado de São Brás...<sup>i</sup>*

No embalo da série *Cem Anos de Solidão*, aproprio-me da célebre obra de Gabriel García Márquez, o genial Gabo, fazendo uma paródia da abertura de seu romance, uma das mais fascinantes introduções da literatura em todos os tempos, para tratar da minha *Cartografia Afetiva do Mercado de São Brás*. O Mercado é agora reinaugurado após uma ampla obra de reforma empreendida pela Prefeitura Municipal de Belém, sob a gestão de Edmilson Rodrigues, destacando o belo projeto de restauro e requalificação sob o traço competente e refinado do arquiteto Aurélio Meira. Meu caro amigo Aurélio gentilmente me convidou a criar este painel para o novo Mercado, obra objeto deste arquitexto que aciona inúmeros dispositivos de minha memória afetiva.

Nasci e me criei na Vila do IAPI, o primeiro conjunto habitacional de Belém, situado ali no bairro de São Brás. A Vila do IAPI bem poderia representar uma espécie de Macondo da minha infância, com suas casas geminadas que ainda possuíam os velhos quintais do tempo. Ainda que hoje totalmente desfigurada em sua arquitetura, ela seria, quem sabe também, minha *Penny Lane, where there was a barber showing photographs...*<sup>ii</sup> O Conjunto do IAPI fazia, faz, parte de uma série de edificações que orbitam em torno do Largo de São Brás, edificações estas que, muitos anos depois diante de uma tese de doutorado, eu haveria de reconhecer como referências fundamentais para a minha formação como arquiteto, artista plástico e professor. Convivi, portanto, desde menino, com alguns ícones daquela arquitetura de Belém que pontuavam aquele contexto urbano e que aguçavam minha percepção da cidade. *In My Life, there are places I'll remember all my life...*<sup>iii</sup> Beatles forever.

A começar pela Estação Ferroviária Belém-Bragança, desativada em 1964, da qual lembro remotamente de ter viajado nos seus trens, vagões de lembranças que me vêm em sonhos, dos seus *trilhos urbanos, trem das cores de um azul quase inexistente azul que não há, azul que é pura memória de algum lugar...*<sup>iv</sup> A Caixa d'Água, remanescente da nossa arquitetura do ferro, que permanece ainda imponente demarcando a curva do Largo. *O melhor o tempo esconde, longe, muito longe mas bem dentro aqui, quando o ônibus zepelim dava a volta ali... Meu trabalho é te traduzir*<sup>v</sup>, cartografando com Caetano.

Em se tratando de formação, curiosamente, muitas dessas edificações eram de estabelecimentos de ensino que fizeram parte da minha trajetória escolar-acadêmica. A Escola Benvinda de França Messias, com suas linhas modernistas, que integrava o Conjunto do IAPI. O Colégio Augusto Meira, onde estudei o ginásio (e o próprio prefeito Edmilson Rodrigues também, tendo sido colega do meu querido irmão, o João). E, ainda, as duas primeiras casas, onde inicialmente funcionou a Escola de Arquitetura da UFPA, encontravam-se ali nas imediações: o Chalé de Ferro na antiga Avenida Tito Franco, atual Almirante Barroso, e a casa em estilo normando na Avenida José Bonifácio.

Mas, dentre essas edificações, destaco, especialmente, o Mercado de São Brás, junto à Praça Floriano Peixoto. Nossas idas ao Mercado eram quase que diárias, num tempo em ainda não havia supermercados em Belém. Meu pai era um ardoroso fã e frequentador do Mercado, quase um personagem do local, pois era freguês de todos os feirantes, boxes e bancas do lugar. O velho Dom João, expansivo, barulhento, costumava tirar sarro com todo mundo, especialmente quando o Remo ganhava do Paysandu, enquanto o inverso era confusão certa, eheh... Eu e meu irmão seguíamos atrás dele, carregando aquela pesada sacola de nylon, enquanto ele seguia à frente, com seu chapéu de palha, assobiando e proseando com todos que encontrava. Ou seja, mais do que fazer as compras do dia, o Mercado era uma confraria, um evento quase diário de encontros. Como diria Belchior, *eu era alegre como um rio, num tempo em que havia galos, noites e quintais*<sup>vi</sup>. Guardo, portanto, uma profunda memória afetiva do Mercado e daquele contexto urbano, arquetônico e social que marcou minha formação. Fico feliz em ver aquele monumento hoje lindamente revitalizado e que ele volte a inspirar seus cidadãos e os novos arquitetos desta cidade.

**Jorge Eiró**

(Da série “*Arquitexturas do Afeto - Cartas a uma Cidade*” – Belém do Pará, dezembro de 2024)

---

<sup>i</sup> Gabriel García Márquez: *Cem Anos de Solidão*.

<sup>ii</sup> The Beatles: *Penny Lane*.

<sup>iii</sup> The Beatles: *In My Life*.

<sup>iv</sup> Caetano Veloso: *Trem das Cores*.

<sup>v</sup> Caetano Veloso: *Trilhos Urbanos*.

<sup>v</sup> Belchior: *Galos, Noites e Quintais*

## CARTOGRAFIA AFETIVA DO MERCADO DE SÃO BRÁS

Políptico em tinta acrílica sobre tela, 360x220 cm, 2024

Produção: Companhia de Jorge Atelier Galeria

Colaboração: Victor e Wisfredo Gama

Montagem: Marcelo Lobato

Agradecimentos: Aurélio Meira | Geraldo Teixeira | Leonardo Santos | Vinícius Carvalho

Para Ana, Marina e Mariana

Aos meus irmãos Denise, João e Marisa

Aos meus pais, João e Cleonice – *Ad Perpetuam Rei Memoriam*

